

Interferência do uso das redes sociais na apreensão de informações em universitários

Interference from the use of social networks in the apprehension of information in university student

Fernanda Santana Alves Leite
Jeremias Fontinele da Silva
Jose Lauro Martins
Universidade Federal do Tocantins – UFT
Palmas - Tocantins - Brasil

Resumo

O presente artigo é uma síntese da pesquisa realizada entre 2018 e 2019 com o objetivo de compreender a interferência dos *smartphones* conectados às redes sociais durante a leitura na apreensão de informação. Trata-se de um estudo de campo transversal, de caráter quase-experimental e abordagem quanti-qualitativa. A pesquisa foi realizada com 89 acadêmicos (44 homens e 45 mulheres) de três universidades. O grupo experimental foi composto por 22 (05 homens e 17 mulheres) alunos no primeiro ano da graduação. A amostra foi definida através do processo de amostragem aleatória simples sem reposição. Os resultados apontam que os *smartphones* conectados às redes constituíram uma interferência, com aumento em 65% do tempo de leitura dos participantes e teve relação direta com a idade, contudo não apresenta correlação com os acertos.

Palavras-chave: Smartphones; Apreensão da informação; Redes sociais.

Abstract

The present article is a synthesis of the research carried out between 2018 and 2019 with the objective of comprehending the interference of *smartphones* connected to social networks during the reading in the apprehension of information. It is a cross-sectional field study of the feature quasi-experimental quantitative and qualitative approach. The survey was executed with 89 academics (44 men and 45 women) from three universities. The experimental group consisted of 22 (05 men and 17 women) students in the first year of the graduation. The sample was defined through the simple random sampling process without replacement. The results indicate that the *smartphones* connected to the networks constituted an interference, with an increase of 65% in the reading time of the participants and had a direct relationship with age, however it does not present a correlation with the correct answers.

Keywords: Smartphones; Apprehension of the information; Social networks.

Interferência do uso das redes sociais na apreensão de informações em universitários

Introdução

A revolução tecnológica culminou em um novo cenário permeado pela era virtual. A reorganização da sociedade, em face aos avanços tecnológicos, notoriamente consolidou novas relações e interações nos espaços sociais, políticos e culturais inerentes à informação e comunicação. Neste ambiente, contextualizar a sociedade contemporânea significa, inevitavelmente, subjetivar espaços coletivos em comunidades virtuais, onde as tecnologias tornaram-se elementos primordiais no dia-a-dia das pessoas.

No aspecto do uso dessas informações na construção do conhecimento, existem inúmeros equipamentos e recursos digitais que podem ser usados no processo educacional. Dentre estes recursos temos os *smartphones* ou tecnologia móvel, que, hodiernamente, pode ser considerado indispensável para a comunicação entre os jovens e, conseqüentemente, entre os universitários. Usá-los para fins da aprendizagem superam o ensino tradicional, ensino no qual o professor é o centro do processo, além de ir ao encontro da educação do século XXI.

Nesta era virtual onde as informações são efêmeras, voláteis e de certezas dúbias, o acesso permanente, em tempo real e ubíquo a informação por meio da tecnologia mobile é uma necessidade do aprendente deste século, diferentemente do que acontecia há meio século atrás. Este é um fenômeno do nosso tempo e nessa perspectiva o presente estudo propõe discutir o uso dos dispositivos móveis no processo da apreensão da informação por universitários. Assim, a pesquisa teve por objetivo compreender a interferência dos *smartphones* conectados às redes sociais na apreensão da informação.

Este trabalho justifica-se no fato do processo de aprendizagem ocorrer quando uma nova informação é apreendida, ganha significado (esquema) e é incorporada a etapa *memória de longo prazo* (onde fica nosso conhecimento), conforme nos ensina a Teoria do Processamento da Informação¹. Assim sendo, diante da necessidade do uso da tecnologia móvel pelo aprendente, entende-se pertinente a verificação da apreensão da informação e a interferência do *smartphone* com acesso a redes sociais na construção do conhecimento.

Metodologicamente trata-se de uma pesquisa de campo transversal, com caráter quase-experimental e abordagem quanti-qualitativa. O estudo teve por população investigada 89 acadêmicos de três instituições de nível superior (Universidade Federal do Tocantins – UFT, Universidade Estadual do Maranhão - UEMA; Universidade Luterana do Tocantins – ULBRA), e por espaço amostral 22 acadêmicos (05 homens e 17 mulheres) do

primeiro ano da graduação.

Almeja-se, com a publicação do resultado desta pesquisa, incentivar a implementação de novas práticas didáticas utilizando a tecnologia móvel, bem como aprimorar as já existentes. Tendo por base um estudo que verifica a interferência destes dispositivos móveis na apreensão da informação.

De forma que possa contribuir para a transformação dos espaços coletivos formais e lineares de ensino em um espaço colaborativo, autônomo, complexo e interconectado, no qual o professor participa como mediador no processo de aprendizagem incentivando a construção do conhecimento e da autonomia discente (MORAIS; CONTE, 2020).

As tecnologias móveis e a apreensão da informação

As novas gerações vivenciam as transformações da sociedade contemporânea permeadas pelas tecnologias digitais. A inter-relação destes com os aparatos tecnológicos resulta em profundas e rápidas mudanças comportamentais, algo instigante e inovador, que nos remete à reflexão quanto ao papel dos professores e discentes na construção do saber neste espaço efêmero.

Assentir as mudanças que permeiam a sociedade desde o século XX, é aquiescer com uma reorganização das sociedades que promovem a informação ubíqua (TAVARES; SCOTON, 2014). “Principalmente porque a informação encontra-se na rede das redes e acessível a todos de forma horizontal e circular, sem limite de tempo e espaço geográfico” (SILVA; MARTINS; MARTINS, 2020, p. 24).

Por conseguinte, os dispositivos móveis (*smartphones*) tornaram-se multifuncionais e não há razão para fugir do uso desses dispositivos na educação. Há muito que fazer para que essas tecnologias sejam implementadas e otimizadas contribuindo para a informação e aprendizagem de forma válida (XAVIER, BATISTA, PAVANELLI, 2010).

Frente às mudanças nas tecnologias, novos aspectos civilizatórios vêm se desenhando. E nesta tempestade informacional, acessível por dispositivos móveis, “não é mais importante aquele professor que ‘sabe tudo’, até porque as informações estão nas redes, as novas docências têm o papel de organizar e sintetizar a informação para que o aprendente possa construir o conhecimento” (SILVA; MARTINS; MARTINS, 2020, p. 24).

Isto se deve, em especial, ao potencial que as redes apresentam através do fluxo contínuo de informações, conteúdo diversificado, delimitação de grupos, contextos e

Interferência do uso das redes sociais na apreensão de informações em universitários

ambientes virtuais explorados pelos usuários (GROSSI *et al.*, 2014). As tecnologias digitais de informação são ferramentas que proporcionam, no ensino, o aperfeiçoamento das formas educacionais e inclusão social em formatos de oportunidades e resultados tecnológicos (SELWYN *et al.*, 2008; ROSA; TROJAHN; CONTE, 2020).

Nesta conjuntura, a educação em seus ambientes formais e informais vão sendo ajustados, reagindo às atuais exigências e modificações ocorridas na sociedade. Sendo que esta adotou os dispositivos móveis de tal forma “que não é possível às instituições de ensino sua recusa. [...] O educando nesse ambiente ciberarquitetônico torna-se, ou precisar ser, o ator principal na construção do conhecimento” (SILVA; MARTINS; MARTINS, 2020, p. 24).

Pedro Demo (2005) considera que as comunidades virtuais de aprendizagem têm o papel de envolver e articular as instituições de ensino, os agentes de formação e os alunos. Tendo no ciberespaço um ambiente de partilha de saberes, cultura e ciência, o que caracteriza os espaços colaborativos como propensos ao diálogo e favorável para trocar informações, (re) construção e recusas durante o processo de aprendizagem.

Há educadores que demonstram vulnerabilidade diante do advento tecnodigital, motivados pela fobia de serem substituídos, tornando-se resistente a utilização destas (REINALDO *et al.*, 2016). Contudo, a autonomia instigada pelos dispositivos móveis requer que os profissionais da educação estejam engajados com as tecnologias, frente às suas vantagens e desafios. “O desafio docente é além de usar de forma efetiva as tecnologias digitais, deve ser capaz de estabelecer narrativas que favoreçam a construção da autonomia e do conhecimento” (SILVA; MARTINS; MARTINS, 2020, p. 27).

Todavia, há um dilema que se perpetua nos dias atuais: da interferência ocasionada pelo uso de dispositivos móveis em sala de aula e até mesmo no processo de aprendizagem. As implicações que estes ocasionam ao desviar a atenção dos alunos no processo de aprendizagem são preocupantes, mas não obstante, é possível indagar, se dentro do ambiente escolar essas sejam as únicas ferramentas passíveis de distração?

Entende-se que o importante é como estes recursos devam ser utilizados no ensino? Esse processo pode ser facilitado pelo auxílio dos dispositivos móveis, porém, jamais centrado nelas ou utilizá-las como meio para apenas “transmitir conhecimento” (MARTINS, 2017).

É evidente, hodiernamente, a utilização de tecnologias digitais, em especial presentes em instituições de ensino, reconhecidas pelos docentes como ferramentas de aprendizagem. Contudo, mudanças requerem um sistema integrado de profissionais e governo, conjuntos na busca de transformar a educação através de sua reestruturação com base didáticas e inovadoras de forma coerente com o uso das tecnologias (RICOY; COUTO, 2016).

Percurso Metodológico

A pesquisa foi realizada com 89 acadêmicos (44 homens e 45 mulheres) de três instituições, destes 67 (39 homens e 28 mulheres) pertencentes ao grupo controle que cursavam o primeiro ano de graduação em 2 universidades públicas. O grupo experimental foi composto por 22 (05 homens e 17 mulheres) alunos, também, cursistas do primeiro ano da graduação de uma universidade estadual.

De tal forma, que o grupo controle corresponde a 75,28% da população pesquisada e o grupo experimental 24,72% desta mesma população. Quanto a faixa etária, o grupo controle possui intervalo de idade entre 17 e 52 anos e o grupo experimental intervalo entre 16 e 24 anos. A amostra foi definida através do processo de amostragem aleatória simples sem reposição.

Os procedimentos de coleta consistiram na aplicação de dois instrumentos. O primeiro, instrumento de coleta do perfil dos entrevistados, estava estruturado em três tópicos: I- caracterização do perfil socioeducacional; II- o acesso e o consumo que os estudantes fazem dos dispositivos móveis; III- sobre exposição às tecnologias, tempo de uso e hábitos de leitura.

O segundo instrumento foi dividido em duas partes: Primeira parte um texto comum para leitura e a segunda parte um questionário com 10 (dez) questões fechadas e cinco assertivas (sim/não) para cada questão relacionada ao texto.

Os dois grupos utilizaram os mesmos instrumentos de coleta de dados, contudo, o grupo experimental fez uso de *smartphones* conectados às redes sociais durante a leitura e foram interrompidos por 3 vezes para acesso às redes sociais. O tempo inicial e final de leitura e resposta foram cronometrados.

Todas as questões facultavam serem respondidas mais de uma assertiva e todas as assertivas pontuaram separadamente. Foram registrados o tempo inicial e final desta

Interferência do uso das redes sociais na apreensão de informações em universitários

fase. Este estudo foi realizado por meio do perfil dos pesquisados cruzado com os dados do segundo instrumento de pesquisa, tendo por resultado analisável a comparação entre os dados obtidos pelo grupo experimental com os dados do grupo controle.

Quanto à aplicação dos instrumentos da pesquisa temos as seguintes etapas: (1) responder um questionário sobre o perfil dos participantes; (2) a leitura individual de um texto de aproximadamente duas páginas com um conteúdo comum. Cada participante marcou o tempo inicial e final da leitura no próprio instrumento de coleta de dados e foram orientados a ler apenas uma vez; e (3) responder um questionário estruturado com questões de múltiplas escolhas.

Nessa etapa da coleta de dados (etapa 3), no grupo experimental, introduzimos o acesso aos dispositivos móveis e às redes sociais como elemento de interferência. Os participantes, ao perceberem um sinal sonoro emitido pelos pesquisadores, fizeram uso dos *smartphones* conectados às redes sociais durante a leitura do texto. Estes foram interrompidos 3 vezes, na qual acessaram as redes sociais por meio de seus *smartphones* e enviaram pelo menos uma mensagem. Não foi delimitado o tempo de atenção às redes sociais. Essa interferência deu-se, respectivamente, aos três, oito e doze minutos de leitura, cujo tempo inicial e final de leitura e o tempo de resposta foram cronometrados.

A análise dos dados foi realizada em duas etapas: análise estatística e análise e interpretação qualitativa (FLICK, 2005; STRAUSS; CORBIN, 2009). A primeira etapa iniciou com a produção de informação quantitativa apoiada em técnicas de estatística multivariada com o uso software IBM SPSS STATISTICS (versão 2.0), conforme a descrição a seguir: Grau de Confiança = 95 %; Margem de Erro (e) = 0,17 ou 17%; Escore $(z)^2 = 1,96$; Desvio padrão $(\sigma) = 17,23\%$; Proporção estimada $(p)^3 = 0,50$ ou 50% ;Tamanho da população = 89; Tamanho da amostra = 22.

Na segunda etapa foi procedida a interpretação e a análise qualitativa dos dados que foi realizada através da análise de conteúdo do tipo exploratório com base em Coutinho (2014). Os dados foram avaliados de forma comparativa entre grupo controle e grupo experimental o que permitiu identificar, estatisticamente, a relação entre as categorias: tempo de leitura; idade; gosto pela leitura; e assertividade.

Nesta fase da análise utilizamos o Coeficiente de Correlação de Pearson “r” (Pearson) que apresenta as relações estabelecidas entres as variáveis, conforme os índices obtidos: 0.9 (para mais ou para menos) indica uma correlação muito forte; 0.7 a 0.9

(positivo ou negativo) indica uma correlação forte; 0.5 a 0.7 (positivo ou negativo) indica uma correlação moderada; 0.3 a 0.5 (positivo ou negativo) indica uma correlação fraca; 0 a 0.3 (positivo ou negativo) indica uma correlação desprezível (BUSSAB; MORETTIN, 2004).

Com base nas correlações encontradas fora realizado um teste de hipótese, em cada categoria de correlação, tendo por parâmetro o p-valor com a seguinte significância: $(p) = 0$: não há correlação entre as variáveis (hipótese nula – H_0); $(p) \neq 0$: há correlação entre as variáveis (hipótese válida – H_1). Este teste permite ao pesquisador estender suas conclusões ao restante da população da qual a amostra pertence (BUSSAB; MORETTIN, 2004).

Neste artigo respeitaram-se os preceitos éticos contidos na Resolução CNS nº 466/2012 e CNS nº 510/2016 que normatizam as pesquisas envolvendo seres humanos (BRASIL, 2012). A presente pesquisa foi cadastrada na Plataforma Brasil e recebeu o parecer número 3.405.194 e CAAE: 66623717.1.0000.5516.

Resultados e discussão

O grupo experimental fez uso de *smartphone* conectado às redes sociais e 21 participantes (95,45%) afirmaram que os *smartphones* eram o principal recurso para *suporte à leitura ou busca de informações* e 01 participante (4,55%) afirmou utilizar o notebook como principal recurso. No tocante ao *uso de redes sociais* por este grupo todos afirmaram utilizar, sendo que: 14 entrevistados (63,63%) afirmaram utilizar as redes sociais para entretenimento; 07 entrevistados (31,81%) disseram que as utilizavam para obterem informações e 01 entrevistado (4,56%) disse que utilizava para pesquisa.

No quesito *uso dos dispositivos móveis*, no grupo experimental, temos que: 09 participantes (40,90%) disseram usar para formação pessoal; 05 participantes (22,72%) utilizavam para uso dos serviços de buscas; 04 participantes (18,18%) para verem notícias; 03 participantes (13,63%) para serviços *online* e 01 participante (4,57%) disse que utilizava mais para ler informações sobre o trabalho.

Quanto ao questionamento sobre *a leitura das informações*: 05 participantes (22,72%) disseram que costumam fazer a leitura parcial das informações; outros 05 participantes (22,72%) fazem a leitura completa; e 12 participantes (54,56%) leem até o final, dependendo do conteúdo.

Os dados foram analisados com base no tempo de leitura e na avaliação da apreensão das informações coletadas por meio do índice de acertos obtidos no instrumento

Interferência do uso das redes sociais na apreensão de informações em universitários

da pesquisa. Bem como, através da idade e gosto pela leitura presente no perfil dos participantes, cujas correlações realizadas são: Tempo de leitura; Tempo de leitura/Acertos; Tempo de leitura/ Idade; Idade/ Acertos; Gosto pela leitura.

De acordo com Jeong (2012), a leitura realizada por meio digital colabora para a fadiga ocular e com isso redução da concentração e da compreensão durante a leitura. Sung, Chang e Liu (2016) enfatizam que os recursos presentes nos dispositivos móveis não são suficientes para grandes efeitos na aprendizagem.

Na tabela 1, observa-se que o tempo de leitura, com interferência dos *smartphones* com acesso às redes sociais (grupo experimental), teve um aumento em seu tempo médio de leitura em comparação com o grupo controle. O que nos induz a afirmar que o tempo de leitura textual físico (papel) também sofre alteração quando introduzida a tecnologia móvel.

Tabela 1: Tempo de leitura

Controle	Experimental	Controle (Tempo)		Experimental (Tempo)	
67 pessoas	22 pessoas	M=39	F=28	M=5	F=17
		M=617 min	F=309 min	M=75 min	F=252 min
		Média = 13,82 min		Média = 14,86 min	

Fonte: autores; M = Masculino e F = feminino.

A questão do tempo desprendido para os estudos e o impacto do uso das tecnologias digitais, já foi bastante questionado desde os primórdios da Internet (MARTINS, 2017). Em concordância, Santos e Santos (2014), relatam que os estudantes usam de forma inapropriada as redes sociais, sendo que gastam mais de quatro horas diárias em suas redes sociais com entretenimento.

Todavia, Ricoy e Couto (2016) levantam a tese de que por meio das redes sociais haja a aprendizagem. Para os autores, desde o começo do novo milênio e com a Internet pode dizer-se que se iniciou a sociedade do conhecimento e, conseqüentemente, da aprendizagem. Rodrigues *et al.* (2015), enfatiza que os universitários estão adquirindo os *smartphones* com a finalidade de obter acesso imediato às informações provindas da Internet e que estas tecnologias também podem influenciar de forma negativa e/ou positiva.

Contudo, no tocante a este estudo, apenas o aumento na média do tempo de leitura não constitui um parâmetro irrefutável para afirmar que a utilização de aparelhos móveis com acesso a redes sociais causa interferência na apreensão da informação. Assim sendo, é necessário verificar as correlações entre as categorias: Tempo de leitura/ Acertos; Tempo de leitura/ Idade; Idade/ Acertos; e Gosto pela leitura.

Ressalta-se que de acordo com correlação de Pearson (r), temos os seguintes índices: 0.9 (para mais ou para menos) indica uma correlação muito forte; 0.7 a 0.9 (positivo ou negativo) indica uma correlação forte; 0.5 a 0.7 (positivo ou negativo) indica uma correlação moderada; 0.3 a 0.5 (positivo ou negativo) indica uma correlação fraca; 0 a 0.3 (positivo ou negativo) indica uma correlação desprezível (BUSSAB; MORETTIN, 2004). Da mesma forma, para o teste de hipótese, temos: $(p) = 0$ (hipótese nula – H_0); e $(p) \neq 0$ (hipótese válida – H_1).

Neste sentido, na tabela 2, observa-se que a correlação entre o tempo de leitura e os acertos é desprezível (Pearson = 0,2449 e que essa hipótese é válida $(p) \neq 0$). Significa que o uso dos *smartphones* ocasionaram interferências no tempo de leitura, contudo, não há uma correlação do tempo de leitura com os acertos. Dito de outra forma, não foi detectado uma relação direta entre o aumento no tempo de leitura e a quantidade de acertos neste estudo.

Tabela 2: Tempo de leitura / acertos

Grupo Experimental (com <i>smartphones</i>)		
n (pares)	r (Pearson)	p (hipótese)
22	0,2449	0,2719

Fonte: autores

Tavares e Scoton (2014) destaca que as experiências cognitivas–sociais conduzem à aprendizagem em sociedade. E a sociedade gera reflexões sobre a formação dos cidadãos em meio ao universo cada vez mais tecnológico e as relações sociais cada vez mais imersas nos meios virtuais, meios nos quais as instituições de ensino devem avançar frente a esta realidade na produção do saber. Porém, vimos que tempo de leitura e acertos não é um parâmetro que se correlacionam nesta produção do conhecimento mediado por tecnologia móvel.

Interferência do uso das redes sociais na apreensão de informações em universitários

As variáveis como a idade e o gênero são fatores importantes e podem lançar luz sobre questões que ficam em aberto ao analisar o uso dos *smartphones*, pois são grupos que variam com base em um propósito e o estilo de uso (JEONG, 2012). Neste sentido, tabela 3, vejamos os dados inerentes ao gênero e a idade dos participantes do estudo e a correlação entre tempo de leitura/idade.

Tabela 3: Gênero / idade – correlação tempo leitura/idade

	Controle (gênero)		Experimental (gênero)	
Pessoas	M = 39	F = 28	M = 5	F = 17
Intervalo Idade	M = 17-46	F = 17-52	M = 16-22	F = 16-24
Percentual	M = 43,81%	F = 31,47%	M = 5,62%	F = 19,10%
Correlação entre Tempo de Leitura/ Idade				
Pearson (r)	0,0450		0,4566	
Hipótese (p)	0,7177		0,0326	

Fonte: autores; Legenda: M (masculino); F (feminino).

Percebe-se pela tabela 3 que o grupo experimental apresentou as menores idades da população participante do estudo (entre 16 e 24 anos) e já identificamos, anteriormente, que há um aumento no tempo de leitura. Quanto à correlação tempo de leitura/idade, temos um coeficiente de Pearson = 0,4566 e uma hipótese válida ($p \neq 0$).

O que nos permite afirmar que: há uma relação positiva entre o tempo de leitura e a idade, de tal forma que um aumento no tempo de leitura deve acarretar um aumento na idade. Porém, o aumento no tempo de leitura ocorreu com o público mais jovem da população investigada.

A correlação verificada no grupo experimental nos permite inferenciar que este grupo, com a menor idade da população estudada, sofreu mais influências dos *smartphones* e, conseqüentemente, maior média de tempos de leitura. Esta afirmação encontra respaldo na fala de Santos e Santos (2014), quando nos diz que os jovens compreendidos entre 18 a 25 anos de idade são os que mais fazem uso das tecnologias e redes sociais digitais.

Da mesma forma, em sua maioria, estes usam as tecnologias móveis para publicarem ou lerem conteúdos voltados para notícias em geral nos variados sites, constituindo, além do entretenimento que estas redes propiciam, a fluidez para o conhecimento coletivo (MORAIS; CHIUSOLI, 2020).

No contexto correlacional estabelecido entre a idade dos participantes e os acertos obtidos nesta pesquisa verifica-se uma correlação desprezível entre idade/acertos (Pearson = 0,0553) e que essa hipótese é válida ($p \neq 0$). Em suma, a idade dos participantes não influenciou no índice de acertos obtidos no grupo experimental.

Este é um resultado que consideramos relevante para a pesquisa, visto que, culturalmente, há uma associação *inata* dos jovens do século XXI às tecnologias digitais. Portanto, seria esperado que o uso destas influenciasses os acertos, haja vista a habitualidade dessa geração com os dispositivos móveis na apreensão da informação. Contudo, resta comprovada, matematicamente, que não houve esta correlação entre idade e acerto.

A prerrogativa idade se faz presente em muitos estudos e leva em consideração que os jovens pertencem a “Geração Digital”. Al – Hariri e Al - Hattami (2017); Juliani *et al* (2012); e Illeris (2013) alertam que no tocante a aprendizagem, embora tradicionalmente inclua conhecimento e habilidades, este conceito [geração digital] engloba um amplo campo, que abrange aspectos sociais, emocionais e da sociedade. É necessário que as funcionalidades presentes nos dispositivos móveis sejam inseridas lentamente no processo de aprendizagem para que a geração digital possa usufruir de suas potencialidades (MOURA, 2009).

Neste contexto, é necessário verificar com maior profundidade a relação construída entre os jovens e as tecnologias, pois Lucena (2016, p. 277) enfatiza que “são os jovens que já não aceitam mais formas convencionais de ensinar e aprender, pois aprenderam, com as tecnologias e as redes, a interagir, a produzir e a publicar”. Com o almejo de investigar melhor o aumento no tempo de leitura, sob a interferência do *smartphone*, nos jovens universitários pesquisados, analisamos o parâmetro gosto pela leitura sob dois aspectos: ler por necessidade; e gostar muito de ler.

Interferência do uso das redes sociais na apreensão de informações em universitários

Na tabela 4, abaixo, apresentamos a relação dos que se manifestaram quanto ao “gosto pela leitura” no aspecto ler por necessidade (08 participantes), correlacionados ao tempo de leitura, idade e acertos.

Tabela 4: Gosto pela leitura / ler por necessidade

Grupo Experimental			
	Tempo de leitura/ Idade	Tempo de leitura/ Acertos	Idade/ Acertos
Participantes	8	8	8
Pearson (r)	0,1613	0,4306	0,5827
Hipótese (p)	0,7027	0,2869	0,1294

Fonte: autores.

Verificamos os seguintes resultados para o coeficiente “*r*” de Pearson: 0,1613 (positivo) para tempo de leitura/idade, ou seja, correlação desprezível; 0,4306 (positivo) para tempo de leitura/acertos; e 0,5827 (positivo) para idade/ acertos, ambos casos significam que há uma correlação moderada tanto entre tempo de leitura/acertos, quanto entre idade/acertos. Bem como, todas as correlações resultaram em $p \neq 0$, ou seja, todas as hipóteses correlacionais são válidas.

Com base nos resultados da tabela 4 podemos afirmar, quanto aos que “leem por necessidade”, sob a influência do uso de *smartphones*, que quanto maior for o tempo de leitura maior também será o número de acertos e vice-versa. Da mesma forma, verificamos que o aumento na idade aumenta também o número de acertos. Por fim, nesta categoria, não houve uma correlação perceptível entre tempo de leitura e idade.

Interessante nesta categoria é a inexistência relacional direta entre tempo de leitura e a idade dos participantes. Entretanto, há a influência direta entre tempo de leitura ou idade com o número de acerto. Podemos compreender que a apreensão da informação, mensurada pelo total de acertos, é uma resultante intrínseca desta, acertos, com o tempo de leitura ou com a idade em um ambiente influenciado pelo uso do *smartphone*.

Grossi et al. (2014) abordam que as tecnologias digitais inter-relacionadas à Internet e as redes sociais constituem um processo longo para que tais ferramentas promovam as mudanças pertinentes em campos cívicos, sociais e políticos, verificando que apenas 0,43%

dos pesquisadores apresentaram conteúdos próprios em torno destes assuntos. Todavia, Silva (2010) reconhece que o uso das tecnologias em junção às redes sociais proporciona um aprendizado criativo e colaborativo com fortalecimento da autonomia dos estudantes.

Os dados aferidos nesta pesquisa corroboram com um estudo similar realizado por Brito et al. (2017), no qual: 32% dos participantes afirmaram sentirem-se fortemente motivados para aprender com a estratégia didática da aprendizagem ubíqua; 54% sentiram-se motivados; e 14% sentiram-se neutros, frente às tecnologias onipresentes e seu uso na educação. Isto indica que o uso de dispositivos móveis e de suas facilidades (internet, redes sociais, etc.) no ensino é uma característica do processo de aprendizagem do século XXI.

Ainda em relação ao parâmetro “Gosto pela Leitura”, na tabela 5 abaixo, temos 14 entrevistados que se declararam como “gostar muito de ler”. Esta variável declarada foi correlacionada ao tempo de leitura, idade e acertos, semelhante ao procedimento realizado na análise anterior (tabela 4).

Tabela 5: Gosto pela leitura / gostar muito de ler

Grupo Experimental			
	Tempo de leitura/ Idade	Tempo de leitura/ Acertos	Idade/ Acertos
N° Pessoas =	14	14	14
r (Pearson) =	0,6122	0,2388	- 0,1643
(p) =	0,0199	0,4109	0,5747

Fonte: autor.

Percebe-se pela análise da variável “gostar muito de ler” que todas as hipóteses foram validadas ($p \neq 0$). A correlação entre idade e acertos (Pearson = -0,1643) e a correlação entre tempo de leitura e acertos (Pearson = 0,2388) resultaram desprezíveis. Ou seja, para quem gosta muito de ler, o tempo gasto na leitura não influencia na apreensão da informação.

Já na relação entre tempo de leitura e a idade encontramos uma forte correlação positiva (Pearson = 0,6122). Isto significa que os participantes do grupo experimental que tiveram maior tempo de leitura são os que apresentaram idade mais elevada. Por outro

Interferência do uso das redes sociais na apreensão de informações em universitários

lado, quanto mais jovem o participante menor tende a ser o tempo gasto para leitura, porém sem relação com o número de acertos, ou seja, com a apreensão da informação.

Para Reinaldo (2016, p. 777), os “*smartphones* não devem ser vistos como os salvadores do ensino”. Contudo, devem ser utilizados racionalmente visando a modernização e diversificação dos métodos educacionais”. Alda (2014); Machado, Berckenbrock e Siple (2016) relatam que o uso de *smartphones* em sala de aula contribui na troca de conhecimentos e interação dos alunos para aprendizagem, entretanto, esta inserção exige que o docente seja mediador das tecnologias para que possa desenvolver os conteúdos e ponderar suas funcionalidades.

Conforme os resultados desta pesquisa, podemos inferir que o docente do século XXI, principalmente pós pandemia mundial, ao planejar a metodologia a ser utilizada no processo de aprendizagem, *online* ou presencial, deve levar em consideração que o uso do dispositivo móvel conectado às redes sociais acarretou um acréscimo no tempo de leitura. Sendo que para este aumento ter influência na apreensão da informação depende do gosto pela leitura desenvolvida pelo aprendente.

Considerações finais

O presente artigo buscou compreender a interferência do uso dos *smartphones* conectados às redes sociais na apreensão das informações entre universitários. O uso dos *smartphones*, em particular para acessar as redes sociais, é frequente e natural no cotidiano dos universitários para o acesso a informações e a construção das relações interpessoais e profissionais.

Da mesma forma, foi possível verificar que o uso dos *smartphones* com acesso às redes constituem uma interferência no tempo de leitura, haja vista ter havido um aumento em 65% do tempo de leitura dos participantes que fizeram uso dos *smartphones* conectados às redes. Todavia essa interferência não constitui representatividade quanto ao processo de apreensão da informação, pois não apresenta relação direta com o quesito acerto.

Não obstante, aqueles que leem por necessidade, mesmo com a interferência dos dispositivos móveis, demonstram maior apreensão da informação considerando tanto a idade quanto o tempo de leitura. Entretanto, verificamos que os participantes que relataram gostar muito de ler não tiveram associação com a apreensão das informações, apresentando apenas associação entre o tempo de leitura com a idade dos pesquisados.

Os dispositivos móveis são importantes meios para mediar o processo de aprendizagem e os jovens são notoriamente os mais engajados com a utilização destas tecnologias digitais. Cabe enfatizar que os universitários estão continuamente conectados às redes por meio dos *smartphones* tornando-se difícil não associar esta interatividade aos processos de conhecimento.

Podemos ressaltar que as tecnologias devem ser inseridas na educação buscando sempre identificar e estabelecer relações de compatibilidade entre os usuários e formas didáticas na construção da aprendizagem. Por tanto, recomenda-se que estudos posteriores aprofundem a questão do impacto que o uso dos *smartphones* e as redes sociais podem ocasionar no ensino e na aprendizagem, de forma que possamos melhor utilizar e suprimir as limitações dos recursos disponíveis pelos dispositivos móveis, de maneira a contribuir para a sua recontextualização na educação.

Referências

- ALDA, Lucía. Silveira. A mobilidade na aprendizagem: uma nova dimensão para a aprendizagem de língua estrangeira mediada por telefone celular. **Texto Livre: Linguagem e tecnologia**. v. 7, n. 1, p. 98–107, 2014.
- BRITO, Josilene. A. et al. Aprendizagem Significativa Ubíqua: Práticas Educativas no Contexto Urbano. **Conferência Ibérica de Sistemas e Tecnologias de Informação**, p. 1520–1526, 2017.
- BUSSAB, Wilton. O.; MORETTIN, Pedro. A. **Estatística básica**. 5ª. ed. São Paulo: Saraiva, 2004.
- COUTINHO, Clara. Pereira. **Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: teoria e prática**. 2ª. ed. Coimbra: Edições Almedina S. A., 2014.
- DEMO, Pedro. **A educação do futuro e o futuro da educação**. São Paulo: Autores Associados, 2005.
- FLICK, Uwe. **Método qualitativo na investigação científica**. Tradução de Artur M. Pereira. Lisboa: Monitor, 2005.
- GROSSI, Márcia Gorett Ribeiro. et al. A utilização das tecnologias digitais de informação e brasileiros. **Texto Digital**, v. 10, p. 4–23, 2014.
- ILLERIS, Knud Livro: **Teorias Contemporâneas da aprendizagem**. Tradução: Ronaldo Cataldo Costa. Editora: Penso Ltda. 1ª. ed. Porto Alegre: Penso, 2013.
- JEONG, Hanho. A comparison of the influence of electronic books and paper books on reading comprehension, eye fatigue, and perception. **Electronic Library**, v. 30, n. 3, p. 390–408, 2012.

Interferência do uso das redes sociais na apreensão de informações em universitários

LUCENA, Simone. Culturas digitais e tecnologias móveis na educação. **Educar em Revista**, Curitiba: Brasil, n. 59, p. 277-290, 2016.

MACHADO, Leonardo Davi Pereira; BERCKENBROCK, Carla Diacui Medeiros; SIPLE, Ivanete Zuchi. Desenvolvimento de aplicativos para Aprendizagem Colaborativa apoiada por Dispositivos Móveis: uma análise dos requisitos. **Computer on the Beach**, 2016.

MARTINS, José Lauro. **Enquanto uns ensinam, outros navegam**: a gestão da aprendizagem em tempos digitais [recurso eletrônico], Porto Alegre: Editora Fi, 2017.

MOURA, Adelina. Geração móvel: um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “geração polegar”. **Conferência Internacional de TIC na Educação**, p. 49–77, 2009.

MORAIS, Thiago Maciel; CONTE, Elaine. Os Processos de Ensino e de Aprendizagem sob o Ponto de Vista Construtivista. In: FELICETTI, Vera Lucia; PEREIRA, Marcelo Almeida de Camargo (Org.). **De Canoas a Manaus nas águas da educação: inquietações docentes**. 1. ed. Canoas: Unilasalle, 2020, v. 1, p. 118-128.

NEVES, Dulce Amélia. Ciência da informação e cognição humana: uma abordagem do processamento da informação. **Revista Ciência da Informação**, Brasília-DF, v. 35, n. 1, p. 39-44, 2006.

REINALDO, Francisco. et al. Uso de Smartphones na Educação: Avaliação por Grupos Focais. **Congresso Ibero-Americano em investigação qualitativa**, v. 1, p. 769–788, 2016.

RICOY, Maria Carmen; COUTO, Maria. João. Valente. DA S. Dispositivos móveis digitais e competências para a utilização na “sociedade do conhecimento”. **Revista de ciência sociais**, p. 59–85, 2016.

RODRIGUES, Thays Cristina. et al. Aquisição e aspectos do uso de smartphones por estudantes universitários. **V- Encontro de Gestão do Alto Paranaíba - EGEAP**, Universidade Federal de Viçosa – Campus Rio Paranaíba, 2017.

ROSA, Gláucia Silva da; TROJAHN, Luciane de Melo Gonçalves; CONTE, Elaine. SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO: a barbárie em tempos de Facebook. **Revista Docência e Cibercultura - ReDoC**, v. 4, p. 162-177, 2020. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/re-doc/article/view/45642>

SANTOS, Valmaria Lemos. Costa.; SANTOS, José. Erimar. As redes sociais digitais e sua influência na sociedade e educação contemporâneas. **Holos**, v. 6, p. 307–328, 2014.

SELWYN, Neil. et al. O uso das tic na educação e a promoção da inclusão social: uma perspectiva crítica do Reino Unido. **Educ. Soc.**, v. 29, p. 815–850, 2008.

SILVA, Jeremias Fontinele; MARTINS, José Lauro; MARTINS, Tatiana Costa. A epistemologia da complexidade e a docência na era da educação e indústria 4.0. In: MEIRA, Janeisi de Lima; OLIVEIRA, Antônio Wanderley de (org.). **Ensino, tecnologia e saúde: experiências na Amazônia Legal**. 1. ed. Palmas: EDUFT, p. 20-30, 2020.

SILVA, Siony Da. Redes sociais digitais e educação. **Revista Iluminart**, p. 36–46, 2010.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Pesquisa qualitativa: Técnicas e procedimentos para a teoria fundamentada**. Tradução de Lucianne de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SUNG, Yao-Ting; CHANG, Kuo-En; LIU, Tzu-Chien. The effects of integrating mobile devices with teaching and learning on students learning performance: A meta-analysis and research synthesis. **Computers & Education**, v. 94, p. 252–275, 2016.

TAVARES, Junior. F.; SCOTON, Roberta. Educação, Mídias E Tic: Reflexões Sobre O Papel Docente. **Revista Inter Ação**, v. 39, n. 3, p. 493-510, 2014.

XAVIER, Guilherme; BATISTA, Gabriel; PAVANELLI, Natalia. Mobile Devices in Education (Dispositivos Móveis na Educação). II Simpósio sobre o Livro Didático de Língua Materna e Língua Estrangeira (II-SILID) e I Simpósio sobre Materiais e Recursos Didáticos (I-SIMAR). **Anais[...]**. Rio de Janeiro: PUC-RJ, Departamento de Arte & Designer, p. 78-88, 2010.

Notas

¹A teoria do processamento da informação afirma que a informação disponibilizada pelo ambiente é processada através de uma série de sistemas (atenção, percepção, memória de curto prazo e de longo prazo). Esta teoria iniciou um grande número de estudos investigativos acerca dos processos cognitivos envolvidos na resolução de problemas. (NEVES, 2006).

² Em Estatística, Escore (z) ou escore padrão de uma observação é o número de desvios padrão acima (+) ou abaixo (-) da média da população estudada. Quando o escore Z é positivo isto indica que o dado está acima da média. (BUSSAB; MORETTIN, 2004).

³ A razão pela qual esta proporção (p) aparece é que quando uma população é muito uniforme, a convergência para uma população normal é mais precisa, permitindo reduzir o tamanho da amostra. (Idem, 2004).

Sobre os autores

Fernanda Santana Alves Leite

Mestre em Ensino em Ciências e Saúde (UFT); Bacharel em Odontologia (ITPAC); Pós-Graduada: em Saúde Indígena (ILE). santana.fernanda@mail.uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1066-286>.

Jeremias Fontinele da Silva

Mestrando em Ensino em Ciências e Saúde (UFT); Bacharel em Matemática (UNESA); Licenciado em Física (UNOPAR); Bacharel em Teologia (FTN); Bacharel em Gestão de Riscos Coletivos – Curso de Formação de Oficiais Bombeiro Militar (UEPA). Pós-Graduado: em Docência do Ensino Superior (FACIMAB); em Segurança Pública, Direito e Cidadania (UNICAMPS); em Gestão Pública (FASEM). jeremias.fontinele@mail.uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2412-3473>.

José Lauro Martins

Doutor em Ciência da Educação pela Universidade do Minho; Mestre em Ciência da Educação - Universidad Autónoma de Asunción; Graduado em Filosofia pela Universidade

Interferência do uso das redes sociais na apreensão de informações em universitários

Federal do Paraná. Professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT) no curso de jornalismo. Professor permanente do Programa de Mestrado em Ensino em Ciências e Saúde da UFT. jlauro@mail.uft.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7817-8165>.

Recebido em: 19/11/2020

Aceito para publicação em: 29/01/2021